



Horta urbana comunitária em sistema agroecológico: a experiência do bairro Jardim Noroeste, Campo Grande (MS)

Urban community garden in agroecological system: the experience of the neighborhood Jardim Noroeste, Campo Grande (MS)

ARAÚJO, Ana Paula¹; SILVA, Regina Maria de Oliveira Scatena da²; MENDES, Aline Cristina Ferreira dos Santos³; ORTEGA, Fernando⁴; VARGAS, Icléia Albuquerque de⁵; IUPPI, Márcia Regina⁶

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, anapaula_rj@yahoo.com; ² Universidade Católica Dom Bosco, regina.scatena2@gmail.com; ³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, aline_mendes@ufms.br; ⁴ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, fernandoferr@hotmail.com; ⁵ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, icleiavargas12@gmail.com; ⁶ Associação Amigos de Maria, marciareginaiuppi@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Agricultura Urbana

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a implementação de uma horta urbana comunitária agroecológica. A metodologia foi a pesquisa-ação, que permite a intervenção numa determinada realidade que se desejava mudar. Os resultados revelam a dificuldade de engajamento da população local. Como estratégia, foi desenvolvido um plano de ação junto às crianças, com um kit com vaso, semente e terra orgânica para semear mudas em casa, além de uma cartilha para monitoramento do desenvolvimento da planta. Em contexto de COVID 19, o monitoramento e as trocas de conhecimento foram realizadas através do grupo de WhatsApp com participação das crianças e adultos, fomentando o interesse da família. Após a germinação da muda, houve plantio direto no terreno da horta. As dificuldades encontradas foram a falta ou precariedade da rede de internet, a motivação ao longo do tempo, e a necessidade de avaliação e reestruturação contínua do planejamento.

Palavras-chave: segurança alimentar; alimento de qualidade diferenciada; educação ambiental; sustentabilidade.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar a implementação de uma horta urbana comunitária e agroecológica, no bairro Jardim Noroeste, periferia pobre da cidade de Campo Grande (MS). Houve financiamento do CNPq e do TRT 24^a Região.

A metodologia do trabalho é a pesquisa-ação, escolhida pelo fato de permitir intervenção numa determinada realidade que se desejava mudar. Conforme Richardson (2004, *apud* COSTA, 2014, p. 145), a pesquisa-ação é um processo metodológico que visa produzir mudanças (ação) e compreensão (pesquisa), a partir das seguintes etapas: Diagnóstico – Ação – Avaliação – Reflexão. O projeto-ação é o “agir no campo da prática e investigar a respeito dela” (TRIPP, 2005 *apud* COSTA, 2014, p. 145). A primeira etapa do trabalho foi a realização do diagnóstico do bairro para o planejamento. O resultado indicou a vulnerabilidade da população e o desejo por mudança, explicitando a necessidade de atuação no



território. Estabelecido o diagnóstico, foram realizadas reuniões periódicas com o grupo de trabalho e com a população para a elaboração, execução e monitoramento da horta. O processo de avaliação foi permanente.

Um olhar para a cidade

A cidade é uma forma espacial (aspecto visível) dotada de conteúdo. Um espaço desigual que reflete e condiciona a sociedade. Cada forma exerce uma função e desempenha um papel fundamental na reprodução das condições de produção e das relações de produção. Conforme Carlos (2017, p.33) a cidade, enquanto produção humana, comporta o inacabamento proveniente do ato/ação continuada da reprodução social. Na geografia do desenvolvimento desigual, o processo de organização/reorganização do espaço urbano é apoiado na valorização fundiária que exclui parcela significativa da população do acesso aos bens e consumos produzidos na cidade (habitação, lazer, lugar de trabalho, espaços públicos).

Harvey (2014) alerta que o neoliberalismo acentua a segregação e reforça as desigualdades tanto no acesso à moradia, quanto no acesso à totalidade do sistema espacial urbano, uma vez que bairros periféricos pobres são pouco articulados aos espaços centrais da cidade. Isso significa, no plano do vivido, injustiça espacial (HARVEY, 2014). Assim, o “direito à cidade”, tal como formulado por Henri Lefebvre no final dos anos de 1960, continua suficiente para situar quem é quem na vida urbana, pois, para o autor, mudar a cidade significa mudar a sociedade capitalista e a lógica do consumo.

No rol das injustiças espaciais, a falta de acesso aos bens básicos leva à insegurança alimentar e nutricional de famílias em condição de vulnerabilidade, aspecto que estimula a implementação de hortas urbanas comunitárias, sinalizando tentativas de algum atendimento às necessidades básicas de alimentação, além da promoção de aproximações com a realidade natural constituída nos processos de cultivo de plantas, colheita de frutos, criação e reprodução de pequenos animais. Esta aproximação, de certa forma, contribui para o desenvolvimento da sensibilidade ambiental e do olhar crítico diante da relação sociedade e natureza.

Na agricultura urbana e periurbana, a escala de produção é reduzida e o espaço urbano torna-se multifuncional, com distintas atividades. O cultivo inclui hortaliças, frutas, grãos, raízes, ovos, produtos da meliponicultura, plantas alimentícias não convencionais – PANC, pequenos animais (aves, coelhos, cabras e peixes), além de plantas aromáticas, medicinais e ornamentais.

A utilização de sistemas agroecológicos permite a produção de espaços sustentáveis e valoriza o olhar para questões socioambientais. Neste sentido, as hortas urbanas agroecológicas são espaços educadores sustentáveis, verdadeiros laboratórios de educação ambiental. Em alusão ao Projeto Escolas Sustentáveis e inspiradas, dentre outros fatores, pelo Plano Nacional sobre Mudança do Clima, Trajber e Sato (2010) ressaltam: “espaços educadores sustentáveis são aqueles



que têm a intencionalidade pedagógica de se constituir em referências concretas de sustentabilidade socioambiental” (TRAJBER e SATO, 2010, p. 71).

Há muitos trabalhos de educação ambiental no âmbito de hortas implantadas em ambientes comunitários e/ou escolares. Pois, segundo Josetti & Vargas (2019), a horta necessita ser vista como um instrumento auxiliar no processo de ensino-aprendizagem sobre temáticas socioambientais. Os autores destacam as potencialidades da horta na produção de novos conhecimentos, contribuindo para maior conscientização sobre “(...) a importância de se discutir temas como água, compostagem, agricultura orgânica, agrotóxicos, degradação ambiental, a necessidade de práticas alimentares mais saudáveis, dentre outros” (JOSETTI & VARGAS, 2019).

Desta forma, com este projeto de horta urbana comunitária no Jardim Noroeste, busca-se desenvolver e estimular a educação ambiental, nos moldes “não-formais”, complementando as ações escolares, conforme previsto em diversas recomendações e dispositivos legais, com destaque para o Programa Nacional de Educação Ambiental, que prevê no seu Artigo 13: “entendem-se por educação ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente” (BRASIL, 1999).

Horta Urbana comunitária em território segregado pela pobreza

No bairro Jardim Noroeste, território segregado e fragilizado pela pobreza, o incentivo ao desenvolvimento de hortas urbanas agroecológicas, individuais e comunitárias, indica a possibilidade de mudança para melhor em termos de saúde, educação ambiental e qualidade de vida.

A segregação é revelada nos índices econômicos. O rendimento médio mensal dos domicílios particulares permanentes é o menor rendimento entre os 74 bairros da cidade de Campo Grande. A renda média *per capita* do Noroeste é de R\$ 278,57. O percentual de 44,3% da população não possui renda (Associação Amigos de Maria, entrevista de campo, 2021) (figura 1).



Figura 1: paisagem urbana, bairro Jardim Noroeste, cidade de Campo Grande (MS). Foto: Ana Paula Araújo, 2021

Os programas assistenciais, como o bolsa família por exemplo, são importantes para manter minimamente as condições de sobrevivência. Segundo a Associação Amigos de Maria, 75% das famílias do bairro são beneficiadas com programas de renda mínima (entrevista de campo, 2022).

Indicadores de pobreza revelam a exclusão social do bairro. Na busca de contribuir para uma outra realidade nasce o Projeto Horta Urbana Comunitária em 2020. A rede de parceiros envolve a Associação Amigos de Maria, o Tribunal Regional do Trabalho – 24 Região, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o CNPq, o Espaço Gastronômico Dede Cesco, a EV Imagens e a comunidade local.

O objetivo é a produção comunitária de alimentos de qualidade diferenciada, com destaque para hortaliças, frutas e plantas alimentícias não convencionais (PANC), em sistemas de produção agroecológico. As metas são: segurança alimentar, educação ambiental, fortalecimento comunitário e resgate do conhecimento sobre plantas. A Horta é permanente, e foi desenvolvida no terreno de 360 m² da Associação Amigos de Maria (figura 2).



Figura 2: Implantação da horta do Jardim Noroeste. Foto: Ana Paula Araújo, 2021.



O sistema produtivo é agroecológico, ou seja, com pouca ou nenhuma utilização de produtos químicos. Utilizamos técnicas simples e baratas, como consorciação de culturas, plantas atraentes e repelentes, caldas, cobertura morta, placas coloridas.

O envolvimento da comunidade é a principal dificuldade do projeto. Como alternativa, foi estabelecido o *Projeto-ação 1 – kit plantação – cultivando vidas*, voltado para crianças de 6 a 15 anos assistidas pela Associação Amigos de Maria. Buscou-se incentivar a participação das crianças no cultivo de sementes e plantio direto no terreno da horta e, com isso, atrair os pais e responsáveis para o projeto. Com a pandemia de COVID 19, foi distribuído o Kit plantação com vaso, adubação orgânica, sementes orgânica, diário de germinação e vídeo explicativo com o passo a passo para o plantio de semente, para as crianças plantarem e acompanharem o desenvolvimento da planta em casa.

As crianças apontaram no diário de bordo os seguintes aspectos: data de germinação, surgimento das primeiras folhas, as formas das folhas e brotação. Nesse processo, observamos a autonomia da aprendizagem pela experimentação, investigação e descoberta associados aos temas sobre a importância da água, do sol e do solo para o desenvolvimento da planta. A distribuição do kit plantação – semeando vidas ocorreu no dia 14/06/2021, na sede da Associação Amigos de Maria. Após a germinação e decorrido o prazo de 45 dias, as espécies foram replantadas no terreno da horta, iniciando a Horta Urbana Comunitária, em agosto de 2021. A educação ambiental, a agroecologia, a saúde e o ambiente foram trabalhados através dos vídeos e das trocas de conhecimento, via grupo de WhatsApp, criado exclusivamente para essa atividade. O contato diário e a prática despertou desejo pelo cultivo tanto nas crianças quanto nos responsáveis. A avaliação desta etapa foi feita pela mensuração das trocas diárias e permanentes de conversas no grupo de WhatsApp (figura 3).

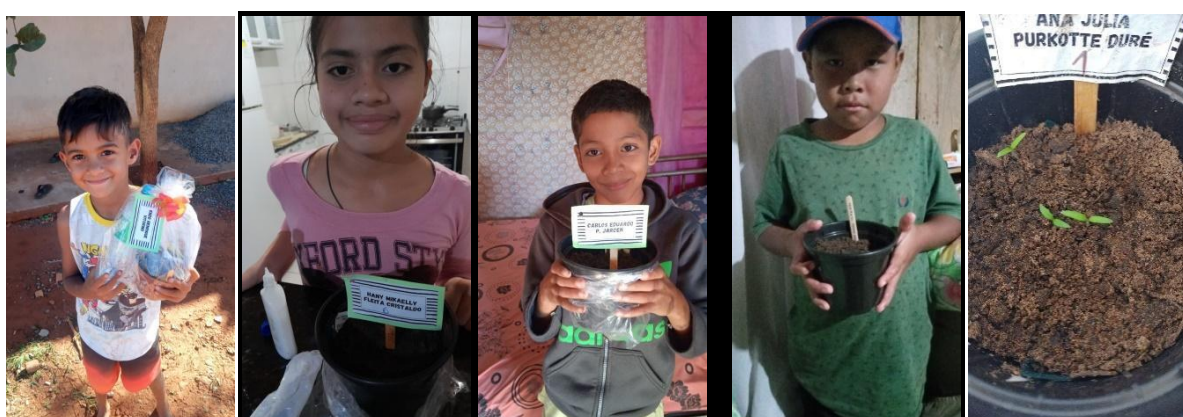


Figura 3: Fotos enviadas pelas crianças.

Em função da Pandemia de COVID 19, todo o monitoramento do processo e troca de informações foi feito através das redes sociais. A avaliação, pela equipe de planejamento, foi feita semanalmente.

As dificuldades encontradas foram a falta ou precariedade da rede de internet, a motivação ao longo do tempo, e a necessidade de avaliação e reestruturação do



planejamento continuamente. De modo geral, a ação foi satisfatória e observa-se o engajamento e motivação para a fase 2, que foi o plantio direto pelas crianças, no terreno da horta, da muda germinada.

Conclusões

No processo de implementação e desenvolvimento da horta, ficou evidenciado que os vídeos informativos precisam ser curtos e via WhatsApp. Vídeos em formato maior, disponibilizados via Youtube, não foram assistidos pelas crianças e adultos. Há necessidade de estímulo diário da população através de atividades que relacionem prática e teoria.

Os resultados obtidos nessa pesquisa permitem concluir que o engajamento da comunidade, em território fragilizado como o bairro Jardim Noroeste, não é uma tarefa simples. O planejamento precisa ser elaborado a partir das particularidades locais e reavaliadas semanalmente.

Entretanto, a partir deste trabalho é possível reafirmar que a horta comunitária pode se constituir em palco fértil para o diálogo na diversidade e a promoção de reflexões sobre as necessidades prementes de se reverter a ordem estabelecida pelo mercado na sociedade capitalista, expondo fragilidades e possibilidades de transformações socioambientais.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei N. 9795/1999**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

CARLOS, A. F. A. A privação do urbano e o “direito à cidade” em Henri Lefebvre. In: CARLOS, Ana Fani; ALVES et al. (orgs.). **Justiça espacial e o direito à cidade**. São Paulo: Contexto, 2017. 187 p.

COSTA, E. A. A experiência de desenvolvimento rural sustentável no assentamento 72, Ladário (MS). In: ARAUJO, A. P. et al. (orgs.) **Dinâmicas do rural contemporâneo**. Campo Grande: UFMS Ed., 2014. 333 p.

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 294 p.

JOSETTI, A. C. L., VARGAS, I. A. de. **Educação Ambiental Crítica: vivências pedagógicas em contexto de uma horta escolar em escola pública**. In: Revista Educação Ambiental em Ação, ISSN 1678-0701, V. 67, 2019. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3606>

TRAJBER, R., SATO, M. **Escolas Sustentáveis: incubadoras de transformações nas comunidades**. In: Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental (REMEA). ISSN 1517-1256, v. especial, setembro de 2010.